

O Mundo em Português Nº10

Julho 2000

O Ideólogo do Luso-Tropicalismo

Vamireh Chacon

No centenário do nascimento de Gilberto Freyre, urge recordar este pensador do luso-tropicalismo. Por muito tempo associado ao colonialismo salazarista, Freyre foi na verdade um humanista que viu na miscigenação um poderoso factor de democratização da sociedade brasileira. A sua obra foi fundamental para reaproximar o Brasil pós-independência das suas raízes portuguesas.

O ano 2000 marca o fim de um século (na realidade, o século XXI só começará em 2001) com especial importância no mundo lusófono: 500 anos de descoberta do Brasil, nova etapa de uma das principais potências emergentes e primeiro centenário de nascimento de Gilberto Freyre, muito mais que ideólogo do colonialismo salazarista, como se tornou moda os politicamente correctos acusarem depois do 25 de Abril.

Mas o próprio Mário Soares, em entrevista ao Jornal de Brasília (30 de Janeiro de 2000) declarou ter encontrado casualmente Gilberto Freyre em Lisboa e exclamado: "Li os seus livros. Agora, não lhe perdoe, desculpe que lhe diga, o senhor ter apoiado Salazar. Um homem da sua categoria!" Em seguida Mário Soares reconhece: "Passados os anos e lendo novamente Gilberto Freyre, abstraindo de Salazar e das guerras coloniais, aquilo que ele disse é verdade. Aquilo que ele disse sobre luso-tropicalismo é verdade, é uma cultura própria e temos de a desenvolver no futuro".

Então se entende porque Mário Soares, em plena presidência da República, foi à casa de Gilberto Freyre no Brasil a 23 de Março de 1987 e disse: "Ele sempre foi um amigo de Portugal, é a ele que se deve a teoria do luso-tropicalismo. Essa teoria foi mal aproveitada no tempo do antigo regime, mas quis justamente demonstrar que a obra de Gilberto Freyre era admirada em Portugal, não só pelos partidários do colonialismo como pelo Portugal livre, democrático e moderno que eu represento".

Entende-se a percepção de Mário Soares: desaparecido o império colonial, chegou a hora de tentar uma comunidade lusófona. Daí o então Presidente falar no Brasil do "reconhecimento de que Portugal, independentemente de regimes ou de credos políticos, está com Gilberto Freyre e compreende a grandeza da sua obra e a sua importância para Portugal, para o Brasil, e para aquilo que podemos chamar a nossa unidade linguística afro-luso-brasileira".

Antes de mais, existem as assimetrias: a população e a economia do Brasil é várias vezes maior que toda a CPLP reunida. Os Estados Unidos não integram a Commonwealth, mas fazem parte do NAFTA, o pacto comercial com os seus vizinhos Canadá e México. O Brasil também acelera a sua integração com vizinhos da América do Sul. Cumpre distingui-la de América Latina em geral, com o México no NAFTA e a América Central e o Caribe subdivididos em países minúsculos, só grandes em catástrofes naturais e intermitentes guerras civis.

Veja-se o caso do Panamá: até 1903 era parte da Colômbia, separado por pressão dos Estados Unidos para ali concluir a construção do canal iniciada pela França. A devolução do território do canal pelos Estados Unidos foi feita com cláusulas muito

limitativas; entre elas a prioridade a navios da sua bandeira e o direito de intervenção militar de Washington sempre que julgasse necessário, isto é, por decisão unilateral. Com bastante realismo, o Brasil só considera sua área de influência directa a América do Sul, portanto abaixo do canal do Panamá.

Mas o Tratado de Assunção (1991) em nenhum momento limita o Mercosul à América do Sul; logo o seu artigo 1º diz claramente "Mercado Comum do Sul", antigo objectivo brasileiro de diversificar o seu comércio internacional rumo à África e principalmente à Ásia, a ponto de 27% das exportações brasileiras se dirigirem à União Europeia, 24% à América do Norte, 21% à América do Sul e 16% à Ásia. O principal parceiro africano do Brasil é a África do Sul, conforme ficou definido por motivos económicos e até estratégicos de divisão do controlo da maior parte do Atlântico Sul. O Brasil, de parceiro global económico a participante global político, prisioneiro de nenhum bloco embora aliado de alguns, só assim comparece às negociações com a ALCA, na prática, com os Estados Unidos.

Por isso, na Ásia o parceiro comercial é hoje o Japão, mas tende cada vez mais a ser a China, ademais parceiro também estratégico desde o tempo do regime militar brasileiro, com o rompimento das relações diplomáticas do Brasil com Taiwan e sua substituição por Pequim no tempo do general-Presidente Ernesto Geisel em 1974. Depois houve visitas do Presidente também general João Figueiredo e, na fase redemocratizada, José Sarney, retribuídas pelo Presidente Jiang Zemin e pelo primeiro-ministro Li Peng. Antes, o próprio Deng Xiaoping publicou no quarto volume das suas obras seleccionadas a aceitação daquela aproximação, que está em pleno desdobramento: das crescentes trocas comerciais à transferência de tecnologias militares de mísseis balísticos com satélites de fabricação brasileira, até então lançados de foguetes norte-americanos ou europeus.

Há muito que o Brasil deixou de ser um exportador de matérias primas e produtos agrícolas. 61% das exportações brasileiras são máquinas e 14% manufacturados em geral: 75% de bens industriais, em primeiro lugar aviões civis e militares, estes em cooperação com a Itália.

O que tem Gilberto Freyre a ver com tudo isto? Muito. Desde que pronunciou no estado-maior do Exército brasileiro em 1948 a conferência Guerra, Paz e Ciência, sobre a importância tecnológica e organizacional dos militares. Gilberto Freyre era, a seu modo, um político realista que não se reduzia à força mas não a excluía. Daí o seu apoio, mesmo crítico, ao regime militar brasileiro, na medida em que este era nacional-desenvolvimentista e assumia posições independentes internacionais a nível da aproximação à China, defendida por Gilberto Freyre desde o seu livro *Novo Mundo nos Trópicos*, publicado originalmente em inglês.

Outros textos muito significativos amplamente ibéricos, latinos, universais: *Uma Cultura Ameaçada: a Luso-Brasileira*, *Uma Política Transnacional de Cultura para o Brasil de Hoje*, *O Brasil em face das Áfricas Negras e Mestiças*, *Américanité et Latinité de l'Amérique Latine*, *Sugestões em torno de uma Possível Hispanotropologia*, *On the Iberian Concept of Time*, *O Brasil como Nação Hispanotropical* e *Nuevas Consideraciones sobre Brasil como Nación Hispanotropical*. É um simplismo, ou pior, tentar reduzir Gilberto Freyre a ideólogo do salazarismo, ou mesmo da lusofonia.

Quem tiver olhos que leia o tom elegíaco, em vez de louvor do colonialismo, de *Aventura e Rotina* e *Um Brasileiro em Terras Portuguesas*, trilha iniciada com *O Mundo que o Português Criou*, prefaciado por nada menos que António Sérgio, então dos maiores oposicionistas lusos. Ele e outros foram visitados por Gilberto Freyre mesmo nos tempos de Salazar, como se vê naqueles livros.

Aliás, o próprio Gilberto logo mudou o nome do seu Seminário de Luso-Tropicologia para Seminário de Tropicologia, por se inserir melhor na sua visão universal da mestiçagem tropical, para ele o início da paz étnica no mundo.

Mesmo que as poupanças portuguesas não sejam suficientes para Portugal se manter em quarto lugar como investidor no Brasil (a Espanha está em segundo), continua especial o relacionamento Brasil-Ibéria em geral, principalmente Brasil-Portugal, relacionamento cultural no mais amplo, profundo e diversificado sentido.